

ACQUA TOFFANA

Patrícia
Melo

ROCCO INVERNIZZI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Patrícia Melo

ACQUATOFFANA

ROCCONIA

Disponibilização: Baixelivros.org

Copyright © 2010 by Patrícia Melo

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

PROJETO GRÁFICO

Fatima Agra

CONVERSÃO PARA E-BOOK

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M486a

Melo, Patrícia, 1962-

Acqua toffana [recurso eletrônico] / Patrícia Melo. – Rio de Janeiro:

Rocco, 2010.

recurso digital (Selo Rocco digital)

Formato: PDF e e-Pub

Requisitos do sistema: Windows XP ou MAC

Modo de acesso: Adobe Digital Editions

ISBN 978-85-64126-24-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

10-6555

CDD-869.93

CDU-821.134.3(81)-3

Para o Hugo

Um

Um vidro se espatifa no banheiro.

Acordo. Há alguém dentro de casa. Não. O barulho estava dentro do sonho. Eu estava sonhando com o Rio de Janeiro, corria no Leblon, atropeliei um carrinho de bebê, o recém-nascido caído no asfalto, a mãe, paf, me deu um tapa na cara. Não tinha barulho de vidro se quebrando. Há um homem dentro de casa, eu não sonhei barulho nenhum. Vou até a porta, colo meu ouvido à madeira. Nada. Nenhum barulho. O barulho está dentro de mim. Não. Pode ter sido no andar de cima. O barulho era muito próximo. Foi no meu banheiro, eu tenho certeza. Impossível. Eu sonhei. Acordei quando o carrinho rolou. Estranho, no sonho, nada se quebrou. A criança. Não tinha vidro.

Não tem ninguém em casa, preciso parar com isso. Medo do quê? Quem pode estar aqui? Não tem ninguém em casa, bobagem, está tudo trancado.

Abro a porta do quarto. Tudo em ordem. Vou andando pelo corredor, pés descalços. Tudo em ordem. Não há ninguém em casa.

Dou meia-volta, o banheiro, tudo em ordem. Entro no quarto, tranco a porta. Viro-me e vejo um homem ao lado de minha cama. É negro, tem um revólver na mão. Ele dá um tiro, meu corpo cai, não acertou. O sangue, puta merda, ele me atingiu. Onde? Nossos olhos se cruzam. Animais. Outro tiro, não sinto nada. Acertou de novo, barriga. Ele destranca a porta, foge. Eu vou morrer e tudo será igual sem mim. Comedor de cadáveres! Engole o meu sangue também. Canalha!

Islands in the stream, 00:45. Deve acabar às 3h. 1977, 110 minutos. Direção: Franklin Schaffer. Claire Bloom, David Hemmings etcétera. O pesadelo aconteceu em dez minutos, no intervalo, eu estava vendo a chamada de um filme policial, Charles Bronson com o pé na garganta de um infeliz: “Diga adeus, desgraçado.” Três tiros.

Não consigo dormir. Meu medo é biológico, começa sempre depois que Rubão sai de casa, atravessa a noite, as noites, as passadas e as amontoadas no futuro. Queda de avião. Dormir sozinha. Rubão não voltar nunca mais ou qualquer outra variação do abandono. Morrer afogada ou queimada. Medo de perder. Medo de Deus. Da vingança de Deus. Não tenho muito caráter com Deus. De dia, quero que ele se foda, e à noite

quero que ele exista e me proteja. Acabei de assistir a *Shark's paradise*. 94 minutos. Direção: Michel Jenkins. Mar também é uma categoria do meu pavor. Mar que é avesso do mundo e imensidão líquida, mar que é a imagem da demência e da morte, eu li isso em algum lugar e é verdade, mar é o avesso.

Barulho na cozinha. Barulho psicológico, eu imagino. Tranquei as portas da sala, cozinha, corredor e banheiro. Meu quarto não é seguro, coloco móveis para reforçar a barreira que me separa do resto da casa. O telefone está bem ao meu lado, polícia 190. A viatura, eu sei, não vai chegar a tempo. Posso ser assassinada. Estuprada. Esfaqueada. Estrangulada.

Odeio o barulho de uma casa vazia. Paz fabricada. Sempre achei o silêncio um mau presságio, ato subversivo de forças malignas.

Quando nos casamos, ele me levava. Isso foi bem no começo. Ele trabalha à noite no Canal 8, edita o programa *Fornada especial*. A apresentadora é um monte de pano franzido, pregas, godê, tudo bata, uma gorda solta, que se comporta com muita naturalidade, cento e oitenta quilos de naturalidade. Dizem, no estúdio, que ela não sabe fritar um ovo. Foi escolhida porque é gorda natural. Gosto das receitas dela, minhas queridas. Eu ficava vendo a edição, eu sei tudo, sei editar.

Ilha de edição, Canal 8 de televisão. Programa *Fornada especial*. Madrugada quente. Uma moça está sentada com a preocupação de ocupar o menor espaço possível naquele cubículo tecnológico. Olhos verdes. Ela sou eu. Ao meu lado, um homem coloca caracteres nas imagens. Passam dois editores, olham o casal e mostram todos os dentes num sorriso nojento.

RUBÃO Você viu outro editor que faz isso?

EU Eu não consigo dormir.

RUBÃO Eu não entendo. Do que você tem medo?

Lembrei de uma entrevista que li no jornal, uma prostituta de luxo dizendo que o namorado chorava toda a noite, mas que ela tinha muitas contas a pagar. Eu chorei muito. Mas ele tinha muitas contas a pagar. Nunca mais Rubão me levaria. Era ridículo eu ficar assistindo à edição. Era ridículo eu ter medo de ficar sozinha. Era ridículo, ele dizia. Esse foi o nosso primeiro nódulo matrimonial.

Quando acaba a programação, fico na janela. Altura é uma categoria especial do meu pavor. Talvez a mais sofrível, passo muito tempo na

janela. Se conseguirem destrancar todas as portas e entrar no meu quarto, ainda posso gritar para alguém na rua. Fico olhando o chão, meu corpo se debatendo nos toldos até chegar na calçada. Seria uma sorte cair numa copa frondosa. Quem se joga do décimo quinto pensa em alívio e não em salvamento. Eu não me joguei, eu caí, fui atirada, me empurraram. Eu mergulhei, para falar a verdade.

Em vinte minutos, passaram dois carros. Vejo meu marido entrar na garagem. Volto à superfície aliviada. Tiro os móveis que bloqueiam a porta e vou nadando até o elevador. Ele me encaixa na cintura e me coloca na mesa da cozinha. Encharca meu sexo de vodca, bebemos. Diz coisas que não vou esquecer. Nunca. Dormimos concentrados numa solução de sal, vodca e porra até duas, três da tarde.

18:45. Ele me beija. “Tchau, amor.”

Eu ainda não sei o seu nome. Otávio. Doutor Otávio, meu marido não vale nada.

Duas pastas. Um telefone. Um cinzeiro de plástico com seis pontas de Hollywood. Um papel rabiscado. No anular, anel dourado com pedra vermelha. Os dedos se abraçam. Ele está interessado no que eu estou contando.

Um camafeu. Esse foi o primeiro presente que eu ganhei do Rubão. Não é joia. É bijuteria de bom gosto. Ele costumava chegar em casa às 4h. Nesse dia, chegou às 7h. “Tive problemas na edição.” O frango queimou, eu disse. Ele riu e me deu o camafeu. Eu queria que nossa história acabasse assim, ele rindo e me dando o camafeu.

“Eu vou dar uma saída, preciso resolver umas coisas.” Quando ele fala daquela forma, não o conteúdo, o tom, os olhos, eu sei o que é. Dor.

Rubão tem oito anos. Está sentado na poltrona, balança as pernas. Seus pés não alcançam o chão. A mãe aparece. Ela beija sua testa e diz: “Vamos, querido.”

Rubão, agora homem-feito, estaciona o carro na Bela Cintra, esquina com alameda Itu. O zelador o conhece há quinze anos. Ele sobe dois lances de escada e toca a campainha. Helena abre a porta. O pai, sentado na poltrona, manta nas pernas, assistindo televisão: “Quem é?” Helena pega o dinheiro das mãos de Rubão, fecha a porta rapidamente e responde: “Ninguém.”

O delegado examina o camafeu. Estou nervosa.

Seu Otávio, doutor Otávio, quando ele falou que precisava resolver algumas coisas, pensei que fosse isso. Às vezes, ele vai lá depois de uma noite inteira editando. Estaciona o carro um pouco mais longe e fica esperando Helena aparecer com o velho, os dois caminhando sob o sol. Já vi seus olhos umedecerem. “Quem é Helena?”, perguntou o delegado. Helena é a mulher que cuida do pai do Rubão. Eu sempre achei que Helena é apaixonada pelo velho. O Rubão ri quando eu falo isso. Impossível uma mulher amar seu pai.

O delegado é marrom-acinzentado, parece muçulmano, tem olheiras, bigodes, olhos de sapo. Fala para dentro do seu próprio pulmão: “Quando você começou a perceber mudanças no comportamento do seu marido?”

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

